

A festa do Bonfim de ontem e hoje

Reminiscências do passado — Dantes o mar era o caminho mais fácil — Osromeiros desembarcavam no Pôrto da Lenha — Restos da velha tradição

Este ano a Policia e a Prefeitura se ausentaram dali

TEXTO DE HILDEGARDES VIANA

Chegou a festa do Bonfim! Pobres e ricos, grandes e pequenos, todos se aprontam para dar uma fugidinha até a "sagrada colina", para reverenciar o "Velho". As novenas que João Manoel Dantas escreveu vão sendo cantadas noite após noite. Como todos os anos anteriores, a festa do Bonfim será a maior festa da cidade.

A imagem do Senhor Bom Jesus do Bonfim está na "sagrada colina", desde o tempo em que o mar era caminho mais fácil para se alcançar Itapagipe. Naquele tempo, como ainda hoje fazem osromeiros que vêm do Recôncavo, desembarcava-se no chamado Porto da Lenha, quando a maré estava alta, ou então saltava-se na ponta de Monte Serrate, gaigando a pé o resto do caminho. Por terra o Bonfim era de difícil acesso. Raros particulares possuíam condução própria, não havia carros de aluguel, e os mangues impediam o tráfego das "cadeirinhas". A princípio ia-se ao Bonfim em saveiros, lanchas, barcos e canoas; depois em vapores da Companhia Bahiana. Com a construção, através os mangues, do atual caminho de Roma, tornou-se mais fácil fazer a viagem a pé ou nas "gôndolas", que iam do Cais Dourado à Ladeira do Bonfim, pelo "absurdo preço" de duzentos e cinquenta réis. Só em 1869, com a inauguração da Linha Férrea dos Veículos Económicos, tornou-se uma viagem ao Bonfim matéria sem problema.

COMO SE FAZIA A LAVAGEM ANTIGAMENTE

Porem a distancia e a dificuldade de locomoção nunca foram impedimento para que a concorrência às comemorações crescesse de ano para ano, de forma animadora. A festa começava com a lavagem. Meia cidade se transportava para a península. Aguardieiros e condutores de carroças, com os animais e veículos enfeitados de pilanqueiras e crotons; devotos com vassouras, maringues, potes, velas e cestos com comida, enchiam o Bonfim e adjacências. Havia ocasiões em que a Irmandade fornecia vinho e aguardente, para tornar maior a animação dos que se divertiam no largo embandeirado. Havia um constante sobe e desce. Cantavam chulas, dançavam o "corta-jaca", jogavam a capoeira. Era um verdadeiro delírio. A lavagem era um festão que nunca pôde ser descrito com absoluta fidelidade, tal a multiplicidade de faces que apresentava. Cantadores de modinhas, "ternos de barzeiros", tocadores de violão enchiam de alegria não só o dia da lavagem como também os que precediam a grande data. O povo deixava-se ficar abaracado nas ruas ou anexado nas casas das famílias, que tinham mesa lauta.

O climax era a missa do domingo, quando toda a gente punha roupa nova. Na véspera, ternos e ranchos iam "tirar o Rei" defronte da igreja. Este famoso sábado do Bonfim teve a sua época de fastígio, atraindo milhares de pessoas que terminado o desfile dos ternos e ranchos, corriam apressadas para mudar de roupa e poder assistir a missa grande.

ORIGEM DA "SEGUNDA-FEIRA GORDA"

A segunda-feira data do término da guerra do Paraguai, quando um ex-cabo do 41.º Corpo de Voluntários da Pátria foi pagar promessa num domingo de segunda-feira do Bonfim, levando uma barraca e todos os acessórios utilizados em campanha. Conta Manoel Querino que, chegado ao largo do Papagaio, o voluntário Pero Juciano das Virgens armou a barraca, e, do melhor modo, "endeu graças ao Senhor do Bonfim, por ter escapado de tantos perigos experimentados. Assim tiveram origem os festejos da Segunda-feira do Bonfim". As

segundas-feiras, do Bonfim constituíram o capítulo mais brilhante das festas do Bonfim. Foi, talvez, a festa que despertou maior entusiasmo no ânimo do povo. Inspirou canções e costumes próprios. Todos os anos, o povo cantava novas quadrinhas, surgidas realmente do seio do povo, quadrinhas zototas, como esta que transcrevemos:

Vamos, vamos, companheiro,
Vadlar pelo Bonfim.
Se tem falta de dinheiro
Há cachaça para mim.

CIVILIZAÇÃO CONTRA TRADIÇÃO

Depois a cidade foi se civilizando e a festa sofrendo as inevitáveis transformações. A lavagem foi proibida pelos excessos que continha. E nunca mais foi a mesma coisa. O sabado, com a decadência das festas de Reis, perdeu a razão de ser. A segunda-feira ganhou cores novas, embora perdesse, e muito, na escolha dos novos metizes.

Porém a devoção do "Velho" é sempre a mesma. Todas as sextas-feiras lá estão osromeiros, pagando promessa ou pedindo proteção. Todos os dias, a sala de milagres recebe novo suprimento de ex-votos e o estoque de velas tem de ser renovado sempre. O Bonfim é uma festa do ano inteiro, porque na festa no coração de todos que vão até lá Romeiros continuam a se embarcar no Porto da Lenha; de voos trilham, descalços, o caminho que condna a Itapagipe; muita gente arrasta o joelho da porta da igreja ao altar-mór; em volta das barracuinhas de lembranças, todos os dias, borborinha um mundo de crentes.

Lá no Bonfim está a esperança dos que esperam melhorar dias e motivação para os que querem, apenas, a parte profana da devoção. No seu trono glorioso o Senhor Bom Jesus do Bonfim abençoa a todos os bahianos, que lhe enviam uma prece, pedindo bem-aventuranças, prece tão bem-sentida por Artur de Sales, nos versos que compôs para o Hino ao Senhor do Bonfim, e que Claudionor Wanderley musicou:

Desta sagrada colina,
Mansão da misericórdia,
Dai-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia.

AVISO AOS TURISTAS: "QUEM FOR AO BONFIM NÃO VERA' A BAHIA"

Texto de G. R.

As festas do Bonfim sempre foram as preferidas, não só pelos fiéis desta capital, como do interior e até de outros Estados. Não há quem nos visite, nesta quadra do ano, que não vá até a Sagrada Colina fazer preces, dar um passeiozinho no largo, visitar as barracas e apreciar o "que é que a bahiana tem". A inspiração do poeta já deixou consagrada aquela canção, quando diz que "Quem foi à Bahia e não viu o Bonfim, não viu a Bahia".

Agora — dizemos nós — quem foi ao Bonfim, não viu a Bahia. O que está se passando, nestas últimas noites, nem siquer imitar os de anos passados e até bem pouco tempo. A iluminação feérica dava um belo colorido à Bahia do Bonfim. Em todos os multicores, serpenteando as árvores, cordões luminosos estendidos ao longo da ladeira, que, vistos de longe deslumbravam os olhos do visitante, como se fossem um conto de fadas, numa paisagem encimada pelo templo. Este ano, a Basílica do Senhor do Bonfim continúa a receber os devotos, a tradição religiosa do povo não morreu, a fé do ba-

hiano continúa tão viva como aquela iluminação, que transforma toda a fachada do venerando templo num mundo de luzes.

ESPETACULO DEPONENTE

Espectáculo triste porém oferecem aquelas barracas imundas, banquinhos rústicos, espalhados pelo meio da rua, garrafas de cerveja quase sempre vazias sobre as mesas, algumas pessoas saboreando o líquido e comendo carangueijo de "tira gosto". Não há mais o "vatapá", o "Caruru", a "galinha de Ximxim". Até mesmo a Inspetoria de Trânsito esqueceu uma das nossas tradições. A ladeira e o largo às escuras. Automóveis em disparada, lambretas e motocicletas afugentam os que ainda se atrevem a um passeio no apertado corredor, que sobra do leito da rua.

FAÇANHAS DOS TRANSVIADOS

Embora presente uma camioneta da RP, no largo e na ladeira, do Bonfim, as buzinas, as corridas desenfreadas, os carros fazendo apostas para ver



A Basílica iluminada anuncia na noite está sendo festejada.

quem pisca o primeiro incauto, a toda E dentre todos os irresponsáveis e perversos motoristas, lambretistas etc., o reporter pôde apanhar a camioneta "Dodge", chapap branca, pintura branca, parecendo alguma ambulância, sem emblema, porém de número 1-6520. Uma turma de uns 8 a 10 garotos de pimenta à "play-boy", completamente embriagados, desciam e subiam,

as tôdas tas no A placentes ali fosse Interligod As 22 vens, ning nãocer t de a devo para seus riscar per